

HIDERALDO LIMA DA COSTA – IN MEMORIAM



Auxiliomar Silva Ugarte¹

Na manhã de 13 de julho de 2024, um sábado, recebi a notícia de que Hideraldo Lima da Costa, meu amigo e colega de Departamento de História (doravante DH), havia falecido. A notícia fora transmitida por sua esposa, Francisca Deusa Sena da Costa, igualmente minha amiga e ex-colega da turma do Curso de História que iniciara em 1988. Uma notícia que me deixou perplexo por alguns minutos, antes que a emoção lacrimosa tomasse conta de minha pessoa.

Ao redigir este texto sobre meu amigo, na verdade, não sabia como iniciá-lo. Não é fácil se escrever acerca de uma amizade que, ao ter alcançado mais 30 anos – com intervalos temporais mais longos ou mais breves –, fora bruscamente interrompida no mencionado dia. Ao escrever este texto, pretendi que ele fosse um testemunho simples e veraz, com fragmentos de minha memória, que acredito serem interessantes e importantes sobre o amigo e colega Hideraldo Lima da Costa.

Como se trata, assim, de um testemunho escrito sobre uma amizade, digo que ela se iniciou, ainda, em 1988, quando descobri que minha colega Francisca Deusa – ou, apenas, Deusa – era esposa do Prof. Hideraldo. Esse processo ocorreu durante o segundo semestre de 1988, como aluno da disciplina Teoria da História, bem como no primeiro semestre de 1989, como aluno da disciplina Etno-História. Lembro-me das discussões em torno dos textos de Johann Hess e Adam Schaff (em Teoria da História), bem como de François Laplantine e Bruce Trigger (em Etno-História), evidentemente a partir das cópias Xerox tiradas na

¹ Professor do Departamento de História da UFAM e amigo de Hideraldo.



sala de reprografia, que era mantida pela direção do antigo ICHL. Posteriormente, já sendo professor do DH, fui aluno da disciplina Cultura e Trabalho, que o Prof. Hideraldo ministrou no primeiro Curso Lato Sensu de Especialização realizado pelo DH (História Social da Amazônia, 1997). Digo que muito aprendi nas aulas das referidas disciplinas ministradas por Hideraldo.

Depois que me tornei docente, no cotidiano do DH foram muitas as atividades que desenvolvemos juntos, principalmente de ordem administrativa. Quando, respectivamente, fomos Chefe do DH e Coordenador do Curso de História (2018-2020), não faltaram problemas no exercício burocrático, que foram enfrentados com muita paciência por e diálogo constante entre nós, e de cujas soluções pudemos colher bons resultados. Refiro-me, principalmente, à manutenção de vagas docentes no DH (decorrentes de aposentadorias e demissões) para concurso público e processos seletivos para contratação de professores, a fim de que a oferta de disciplinas nos Cursos de História, bem como naqueles cursos que demandavam disciplina do DH não sofressem maiores prejuízos nos semestres letivos por falta de docentes. Eram muitas horas de conversa em que abordávamos esses problemas e as estratégias possíveis para solucioná-los, bem como foram muitas as idas à Reitoria para negociação de prazos mais adequados às necessidades do DH. Lembro-me que, numa avaliação de uma dessas visitas aos setores da Reitoria, Hideraldo expressou que seu “vozeirão”, nas circunstâncias de apresentação dos argumentos em defesa de nossas demandas, contribuía para convencimento dos diretores dos departamentos tanto da antiga PROCOMUN, quanto da PROADM.

Durante o segundo mandato da Profa. Márcia Perales Mendes Silva na Reitoria da UFAM (2012-2015), o Prof. Hideraldo exerceu um cargo na Pró-Reitoria de Extensão, como diretor do Departamento de Acompanhamento e Avaliação de Impacto das Ações de Extensão (DEAA/PROEXT). No exercício desse cargo, o Prof. Hideraldo – juntamente comigo, com o prof. Francisco Jorge dos Santos e com o general Franklimberg Pereira (CMA) – ajudou a estruturar e a realizar o V Seminário de História Militar da Amazônia, que se realizou entre 06-08 outubro de 2015, com muito bom sucesso de público na UFAM.



Um dos episódios dos que me marcaram nesta amizade, ocorreu quando me preparava para viajar a São Paulo, na segunda quinzena de outubro 2004, a fim de defender meu doutoramento na USP. Na semana anterior à data de defesa, havíamos conversado sobre a importância de obtenção do título para quem é professor e os nervosismos próprios do evento. Sendo, então, Chefe do DH, o amigo e colega Hideraldo pediu-me que lhe noticiasse o resultado. Na noite de 20 de outubro de 2004 (quarta-feira), telefonei para ele, relatando-lhe que eu havia sido aprovado. Generosamente, ele me deu felicitações pelo bom sucesso da defesa, que seria anunciado na reunião do DH dois dias depois.

Outro episódio nesta trajetória fraterna com Hideraldo foi o pedido para que eu escrevesse o texto das “orelhas” de seu livro *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia. Discurso dos Viajantes – Século XIX*. Fi-lo com muito prazer, tendo em vista a leitura agradável que o conjunto textual apresenta em sua análise acurada dos discursos de alguns naturalistas viajantes que estiveram/viveram na Amazônia, na primeira metade do século XIX, como os bávaros Karl Philippe Von Martius e Johann Baptiste Von Spix; na segunda do século XIX, como os ingleses Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates, os franceses Auguste Biard e Henri Coudreau, bem como o suíço-estadunidense Luiz Agassiz. Em seu conteúdo, pude apreciar a aplicação de inovação teórico-metodológica, principalmente inspirada nas obras do historiador Edward Palmer Thompson e do filósofo Walter Benjamin. Esta obra de Hideraldo e a de Francisca Deusa, *Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana. Trabalhadores de Manaus (1890-1915)*, foram publicadas em maio de 2014 pela Editora VALER, e tiveram lançamento no Centro de Memória da Justiça do Trabalho, na rua Barroso (Centro Histórico de Manaus), em 14 de maio do referido ano. Foi um evento simples, mas emblemático por causa do local que recepcionou o lançamento.

Na dimensão extrauniversitária, o Prof. Hideraldo frequentava reuniões que minha família realizava, assim como eu frequentava as congêneres que ele e Francisca Deusa realizavam em seu lar. Também, na medida do possível, íamos a alguns bares nas adjacências do Campus Universitário da UFAM para uma prazerosa degustação de cerveja bem gelada, principalmente às tardinhas das sextas-feiras. Conversas sobre a vida na UFAM e sobre a política no Amazonas e no Brasil eram os assuntos principais, entremeadas por muitas gozações e muitos



risos. Ademais, nas muitas caronas que o amigo me concedeu, conversávamos sobre as profundas transformações que ocorreram na nossa instituição, principalmente sobre a evasão discente tão visível no IFCHS, o desinteresse de muitos alunos das turmas de História, os problemas de desatenção nas aulas por causa do uso abusivo de aparelhos de telefonia celular, da pouca ou nenhuma leitura de textos (principalmente impressos) e também dos textos digitais. Enfim, eram conversas francas, durante o trajeto até minha residência, que demonstravam nossa preocupação com o que vem ocorrendo, infelizmente lamentável, no âmbito de nossa querida UFAM.

O que expresso, aqui, é somente uma pálida ideia de uma convivência muito intensa, nessas mais de três décadas, com o amigo Hideraldo Lima da Costa. Fica minha homenagem ao querido amigo e colega, cuja vida acadêmica possa inspirar a outros na busca de seus próprios caminhos intelectuais nesta Amazônia de tantos desafios.

Caro Hideraldo, desejo que você – presente na minha memória e de seus familiares, bem como na memória de seus outros amigos e conhecidos – Requiescat in pace à sombra da portentosa sumaúma no Recanto da Paz!

Manaus, 24 de agosto de 2024

